

Vivenciando o Bem Estar, enfrentando o Sofrimento: estudo da Representação Social do Bombeiro sobre o Significado de seu Trabalho

Autoria: Flavia Pellissari Pomin Frutos, Cristiane Vercesi

RESUMO

Este estudo avança na perspectiva da construção de um conhecimento sobre a relação entre significado do trabalho e bem estar de policiais militares bombeiros. Consiste em um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, tendo como eixo condutor a Teoria das Representações Sociais e como suporte complementar os estudos de saúde mental sob a perspectiva dos estudos em subjetividade e trabalho. Baseia-se ainda no conceito de trabalho proposto por Codo (1998) e baseado em Marx e Leontiev, segundo o qual o trabalho é uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza, geradora de significado. A pesquisa visou compreender como as representações sociais dos bombeiros sobre o significado do seu trabalho os orientam no enfrentamento do sofrimento e vivência de bem estar no trabalho. A análise indicou que, apesar das inúmeras representações de sofrimento que permeiam o trabalho do bombeiro, o seu bem estar é sustentado pela forma como atribui significado ao seu trabalho, especialmente em função da ‘paixão’ pelo trabalho realizado e pelo reconhecimento social e familiar da profissão, confirmando que um trabalho com significado é gerador de bem estar e apesar das situações de sofrimento que possa representar, ainda poderá ser fonte de bem-estar, desde que faça sentido para aquele que o executa.

1 INTRODUÇÃO

A Corporação dos Bombeiros contém em sua essência a imagem do herói que arrisca sua vida em função da sociedade e coloca em destaque os homens que a perderam como modelo a ser seguido. Destaca-se entre as demais Instituições Militares pela eficiência de suas ações em meio à sociedade, à despeito das dificuldades impostas pelo regime público no qual está inserida, e principalmente pelo reconhecimento e credibilidade alcançados junto à população. Em tempos como os atuais (em que a sociedade se nega a depositar credibilidade em dirigentes, políticos, chefes de instituições civis ou militares, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos), contar com a aceitação e respeito social pode ser um grande diferencial e um grande fator motivacional para o desenvolvimento de um profissional.

O convívio cotidiano, durante muitos anos, com um militar pertencente à Corporação dos Bombeiros proporcionou-nos o acompanhamento dos desafios enfrentados nesta profissão, das preocupações com o trabalho propriamente dito, dos desabafos em virtude da falta de estrutura pública da Instituição, das tensões relacionadas ao futuro profissional e crescimento na carreira e sobretudo (e surpreendentemente) da intensa relação de comprometimento em relação ao trabalho desenvolvido, bem como os cuidados com a imagem construída junto à sociedade. A vivência do cotidiano deste trabalhador sempre nos trouxe certa inquietação, aguçando nossa curiosidade. Que trabalho seria este, capaz de despertar sentimentos de sofrimento e prazer tão intensos e concomitantes? E apesar dos percalços, quais os motivos que levariam a tamanho comprometimento, quase uma “devoção”? Buscando respostas para estas inquietações é que se deu início à presente pesquisa, alicerçando-a no conceito de trabalho baseado nos pensamentos de Marx (1987) e de Leontiev (1964) e que é apresentado por Codo (1998, p.25) como “uma dupla relação de transformação entre o homem e a natureza, geradora de significado”. Neste sentido, ressalta-se que esta concepção de Codo (1998) será adotada no presente estudo, dentre as inúmeras e diferentes concepções de trabalho existentes, em função de contemplar a importância do trabalho e a construção de seu significado para o bem estar do trabalhador. Sendo assim, tomando como base os trabalhos de Codo e colaboradores (1994; 1998; 2004), este estudo parte de dois pressupostos: a) A maneira como o bombeiro atribui

significado ao seu trabalho, em maior ou menor escala, determina o estado de bem-estar ou sofrimento no seu trabalho; e b) A Corporação dos Bombeiros é uma instituição que possui uma imagem bem definida no imaginário social, apresentando um modelo identitário (de trabalho) já socialmente construído e, embora seja mais uma entre muitas outras instituições públicas, distingue-se por contar com a simpatia e o reconhecimento da sociedade, o que conseqüentemente contribui para a atribuição de significado ao trabalho do bombeiro.

Codo (1994, p.100) enfatiza que os significados reais do trabalho se escondem, não são revelados ao primeiro olhar e “dependem de uma análise rigorosa, exaustiva, onde são obrigatórias a observação do cotidiano, as representações do trabalhador, os desígnios da empresa”. Desta forma, visando alcançar os objetivos propostos, adotou-se neste estudo a abordagem da Teoria de Representações Social, disseminada a partir de 1961 por Serge Moscovici e que busca compreender como se realiza o processo de construção de teorias do senso comum, orientando-se pela necessidade de contextualizar o ser humano em interação social e realizando ações investigativas no próprio campo de estudos (FARR, 1995). A perspectiva da Teoria de Representações Sociais opõe-se aos princípios positivistas que defendem a separação entre sujeito e objeto na realização das investigações científicas e busca superar o conflito entre indivíduo e sociedade, visualizando o indivíduo e suas produções como produtos de sua socialização com um determinado segmento social (SPINK, 1993). Diante do acima exposto o presente artigo tem como objetivo compreender como as representações sociais dos bombeiros sobre o significado do seu trabalho orientam o enfrentamento do sofrimento e vivência de bem estar no trabalho. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) descrever as representações sociais dos bombeiros sobre o significado de seu trabalho; b) apontar os principais agrupamentos das representações sociais dos bombeiros sobre o sofrimento no trabalho; c) descrever as representações sociais dos bombeiros sobre o bem estar no trabalho; d) analisar a relação entre o significado atribuído ao trabalho e o estado de bem estar, a partir das representações destes trabalhadores.

Destaca-se que o presente artigo consiste em um recorte de dissertação de mestrado que abordou a relação existente entre significado do trabalho e o estado de bem estar no trabalho, a partir do enfoque da teoria de representações sociais. No que tange às representações sociais dos bombeiros quanto ao sofrimento no trabalho, faz-se importante esclarecer que as mesmas serão apontadas no presente artigo, porém suas descrições e análises serão apresentadas em outra oportunidade. Esta decisão justifica-se em virtude da grande quantidade de categorias de análise identificadas sobre o tema (ao todo foram 28 categorias) e principalmente pela riqueza de informações encontradas nos discursos dos entrevistados e que portanto requerem um aprofundamento especial de forma a contribuir para a ampliação dos estudos na área.. Sendo assim, reforça-se que este artigo propõe-se a dar ênfase nas representações sociais do significado do trabalho e do bem estar no trabalho, bem como analisar as relações existentes entre as mesmas.

2 O TRABALHO E SEU SIGNIFICADO

As transformações que afetaram o mundo do trabalho nos últimos séculos e especialmente nas últimas décadas, fizeram emergir concepções distintas sobre o trabalho, entre as quais destacam-se duas principais vertentes. Há autores, como Gorz (2003), Aznar (1995), Bauman (2001) e Rifkin (2001) que consideram que as transformações contribuíram para que o trabalho perdesse a sua centralidade, não podendo oferecer o eixo seguro para fixar identidades e projetos de vida, deixando de ser concebido como fundamento das relações sociais ou eixo ético da sociedade, passando a exercer um significado simplesmente estético.

Outros autores como: os pesquisadores do grupo MOW - Meaning of Working International Research Team (1987), Morin (2001), Dejours (1988), Codo (1994) e Sampaio e

Messias (2002) reafirmam a sua importância como atividade central que estrutura a vida dos indivíduos e da sociedade. Conforme descrito a seguir, estes autores, embora mantendo a visão crítica do trabalho, pela forma como vem sendo realizado atualmente, mantém a perspectiva da possibilidade de construção de uma sociedade na qual todos têm acesso a um trabalho conforme suas potencialidades, postulando que “no lugar do trabalho esvaziado de conteúdo, todos possam ter um trabalho efetivamente de qualidade, no qual os indivíduos possam se orgulhar do que fazem e de seus resultados” (BORGES; YAMAMOTO, 2004, p.57). E é precisamente nesta concepção que o presente estudo está embasado.

Morin, Tonelli e Pliopas (2003) alertam para o fato de que tanto do ponto de vista epistemológico, quanto do ponto de vista metodológico, muitos autores podem participar deste diálogo sobre o sentido do trabalho. O presente artigo, lança suas bases sobre autores que adotam a perspectiva histórico-crítica como: Codo (1994; 1998; 2004), Lane (1981; 1984; 1995), Ciampa (1990), Pedrinho Guareschi (1993; 1996; 2000), Ibáñez (1993). Na perspectiva da psicologia social crítica são abarcados aspectos relacionados com o ser humano na contemporaneidade, priorizando os contextos históricos, sociais, econômicos e culturais dos sujeitos pesquisados, ressaltando uma concepção histórico-social de ser humano, compreendido como produto e produtor de suas relações sociais e de um conceito de ciência como uma prática social, defendendo que o conhecimento é produzido nas relações concretas que as pessoas estabelecem dentro dos grupos sociais em que vivem na sociedade. (GUARESCHI, 2003). Veronese (2003) cita como características da psicologia social crítica do trabalho o caráter histórico do fenômeno psicossocial, a busca do conhecimento e não da verdade, a realidade como construção coletiva dialética, a crítica à dicotomia externo/interno, a imbricação sujeito/objeto da ciência, a perspectiva das majorias, das minorias e da resistência e a psicologia interessada na transformação social. Conforme registrado anteriormente, Codo (1998, p.25) define trabalho, em sua dimensão mais essencial, como “uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza, geradora de significado”. Esta concepção baseia-se especialmente nos pensamentos de Marx (1987) de que o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo este em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Em sua concepção de trabalho, Codo (1998) assume ainda os pensamentos de Leontiev (1964) que introduz o conceito de significado, afirmando que todas as atividades exercidas pelo ser humano são mediadas por um significado, que seria o trabalho. Sendo assim, ao imprimir significado social às suas atividades, o homem estaria construindo sua identidade e buscando seu bem-estar. Neste sentido, Sampaio e Messias (2002) ressaltam que como atividade especificamente humana, o trabalho implica em projeto, em transformação da natureza e em transformação permanente de seu agente, permitindo ainda que a atividade de cada um incorpore a experiência da humanidade.

Codo (1994, p.98) assume a distinção proposta por Marx (1987) entre o “trabalho como valor de troca” do “trabalho como valor de uso”. Enquanto o primeiro é reduzido a uma simples mercadoria, abstraído de sentido pessoal, apenas tido como troca monetária universal, o segundo (valor de uso) é tido como “o ato de depositar significado à natureza humana, construção de significado pessoal e intransferível, individual”. Ainda segundo Codo (1994), ao transmitir um significado social à natureza é que o homem traça sua individualidade, em uma extensa trama de espelhamentos que se modifica a cada momento, tornando-se um fator determinante na conformação de sua identidade. Seguindo esta ótica, pode-se entender os pensamentos de Codo (1998), ao afirmar que a definição de trabalho deve constituir-se a partir de um levantamento histórico de toda a existência do homem, considerando-se todas as suas épocas, nações, sistemas sociais e culturas, para que então seja possível uma definição específica de trabalho para cada uma delas. Codo (1998) parte do princípio de que o trabalho

não é mercadoria, pois esta concepção universal de trabalho surgiu com o advento do capitalismo, porém sabe-se que o trabalho existe desde as comunidades mais primitivas, sendo que não foi e nunca será sinônimo de emprego. Neste aspecto é que o conceito de trabalho de Codo (1994) toma um sentido mais amplo, baseando-se em Leontiev (1964) e considerando a geração de significado como uma fonte também geradora de realização e bem estar para o trabalhador. Pinto (2000) afirma que independentemente de o trabalho ser realizado em um espaço público ou privado, o importante é que as pessoas sentem necessidade de serem reconhecidas pelo produto de seu trabalho, sendo assim, o significado impresso no produto do trabalho, sugerido por Leontiev (1964), vai além da mais valia econômica apresentada por Marx (1987), porque produz também a mais valia, no sentido da auto-estima do trabalhador. Importante ainda esclarecer que os conceitos de significado e sentido do trabalho distinguem-se em alguns trabalhos acadêmicos e em outros são tidos como sinônimos. Para Morin (2001) o significado do trabalho pode ser separado do sentido do trabalho em função da divisão social do trabalho e da divisão em classes, o que tornaria o trabalho alienado. No pensamento Marxista, o trabalho alienado é a produção executada por sujeitos que não possuem qualquer controle sobre o que produzem, tornando-se apenas um instrumento de uma produção material exterior e autônoma. Por outra via, Leontiev (*apud* BASSO, 1998) justifica a não diferenciação dos conceitos, lembrando que, na sociedade primitiva, onde não havia divisão social do trabalho e relações de exploração, o significado e o sentido das ações se confundiam. Assumindo os pressupostos já apresentados anteriormente de que o significado do trabalho transcende a dimensão econômica, no presente estudo será adotada esta última conceituação.

3 SAÚDE MENTAL E BEM ESTAR NO TRABALHO

Considerando o trabalho como o ato de transmitir significado à natureza, essencialmente capaz de gerar prazer, Codo (1998) afirma ainda que somente quando o “circuito mágico” de construção de significado é quebrado, é que o resultado do trabalho configura-se em sofrimento, que no seu limite máximo pode levar à doença mental. Por outro lado, retomando-se o que anteriormente foi apresentado sobre a importância do trabalho para o indivíduo, faz-se necessário ressaltar que ele pode também ser fonte de prazer e mesmo mediador de saúde. O conceito de saúde mental parte de uma visão holística do ser humano, em oposição à abordagem cartesiana. Dessa forma cada pessoa é um complexo biopsicossocial, ou seja, tem características biológicas, psicológicas e sociais que respondem simultaneamente às condições de vida. A partir desta concepção, nas últimas décadas desencadeou-se um resgate de uma visão mais ampla sobre o conceito de saúde, que deixou de ser associado à ausência de doença, passando a considerar a necessidade de haver completo bem-estar biológico, psicológico e social. De acordo com este novo conceito a saúde de uma pessoa se forma e se transforma continuamente, num processo dinâmico de interação circunstancial entre aspectos biológicos, psíquicos, sociais e culturais. Registra-se que no presente estudo os termos bem-estar e saúde mental serão adotados como sinônimos.

Como campo de investigação, Saúde Mental e Trabalho tem acolhido diferentes correntes teórico - metodológicas, construindo diversos objetos de investigação. Sato e Bernardo (2005) advertem que as ciências que focalizam o mundo psicológico a partir de distintos objetos (comportamento, sofrimento, subjetividade, imaginário/simbólico, doença mental) têm suas vinculações tanto com a Biologia como com as Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia, Lingüística), fazendo com que múltiplos “nomes” sejam utilizados para se referir à Saúde Mental e Trabalho. Jacques (2003) manifesta uma preocupação com a imprecisão teórica e metodológica das pesquisas na área em função do desconhecimento do tema, o que segundo Jacques (2003, p.99) produz tentativas ingênuas de combinar

conceitos e técnicas com fundamentos epistemológicos diferentes, constatando-se uma tentativa de “emprestar conceitos e técnicas sem uma reflexão sobre as diferentes concepções de homem, homem-sociedade, ciência e pesquisa que lhes fundamentam”. Isto pode ser explicado pelo fato de que no Brasil, a área de Saúde Mental e trabalho é ainda considerada jovem (CODO; SORATTO; VASQUES-MENEZES, 2004), sendo que as publicações começaram a surgir a partir da década de 1980. Alguns autores, buscando contribuir para o desenvolvimento das pesquisas e estudos na área, apresentaram algumas taxionomias envolvendo as principais abordagens teórico-metodológicas propostas em saúde mental e trabalho. Jacques (2003) propõe a divisão dos estudos em Saúde Mental e Trabalho em quatro abordagens: as teorias sobre estresse, a psicodinâmica do trabalho, as abordagens de base epidemiológica e os estudos e pesquisa em subjetividade e trabalho, sendo que esta última vertente foi adotada no presente trabalho e será apresentada a seguir.

Os estudos sobre subjetividade e trabalho buscam analisar o sujeito trabalhador que é definido a partir de suas experiências e vivências adquiridas no mundo do trabalho (JACQUES, 2003). No Brasil, os estudos sobre o tema subjetividade e trabalho reúnem um amplo e variado conjunto de pesquisas desenvolvidas a partir de 1980 e que se alicerçam em postulados derivados de diferentes campos disciplinares no âmbito das ciências sociais, dando ênfase à dimensão da experiência e das vivências dos trabalhadores sobre o cotidiano de vida e de trabalho, incluindo-se as vivências de sofrimento e adoecimento, sem necessariamente privilegiar os diagnósticos clínicos (JACQUES, 2003). Segundo Jacques (2003) os pressupostos marxistas sustentam a concepção sobre a determinação histórica dos processos de saúde/doença e seus vínculos com as condições de vida e de trabalho dos trabalhadores. Da psicanálise, os estudos desta abordagem buscam fundamentos que concebem o sujeito como vinculado às normas sociais e construído nas tramas que definem tais normas. Os estudos de subjetividade e trabalho também apresentam em comum a ênfase concedida a categorias como vivências, cotidiano, modos de ser ou não, a valorização dos aspectos qualitativos e das experiências em si dos trabalhadores que acompanham os processos de adoecimento associados ao trabalho. Aproxima-se então da psicodinâmica do trabalho, emprestando-lhe o conceito de vivências, sem no entanto, compartilhar do modelo clínico de pesquisa peculiar à abordagem dejoursiana. Além disso, assumem pressupostos comuns à psicologia social histórico-crítica como a não dicotomia entre indivíduo e coletivo, subjetivo e objetivo bem como a concepção de ciência e pesquisa. Como metodologia estes estudos privilegiam abordagens qualitativas através de técnicas como observação, entrevistas individuais e coletivas, análises documentais, pesquisa etnográfica. Segundo Jacques (2003, p.110), esses estudos e pesquisas possuem em comum “a escolha do trabalho como eixo norteador para além do seu caráter técnico e econômico, cujo significado perpassa a estrutura sócio-econômica, a cultura, os valores e a subjetividade dos trabalhadores”.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este estudo assumiu um caráter descritivo, que segundo Vergara (2003), expõe as características de determinada população ou fenômeno. Quanto ao tipo de abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Minayo (2004) afirma que a pesquisa qualitativa considera o universo de significados, crenças, valores, atitudes, motivações e aspirações, correspondentes a um espaço profundo das relações, processos e fenômenos, os quais não podem ser quantificados. Segundo Guareschi e Jovchelovitch (1995) as representações sociais são formadas quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades. Isto explica a necessidade de lançar mão de diversas técnicas para apreender as representações sociais do policial militar bombeiro. Sendo assim

foi proposta a utilização de duas fontes:

a) Observação Não Estruturada e consulta a Sites Oficiais e Leis Regulamentadoras da Corporação dos Bombeiros: Na abordagem das Representações Sociais, em uma primeira etapa torna-se essencial a reunião de material simbólico a respeito do objeto situado socialmente, buscando facilitar a expressão, interação e acesso do analista à realidade vivida pelo sujeito em sua relação com o objeto de representação e com outros sujeitos. Segundo Souza Filho (1993) isto pode ser alcançado por meio de observação e através de dados já disponíveis como pesquisas de opinião, informações censitárias, literatura de ficção, panfletos, anotações, desenhos, etc. Quase todas as Polícias Militares e Corporações de Bombeiros dos Estados brasileiros já possuem suas páginas eletrônicas na Internet. Como o interesse estava voltado para a história e o papel desempenhado junto à sociedade, foram tomadas como referência as Corporações dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina e Paraná, por serem as mais antigas ou estarem nos Estados mais populosos. Foram também realizadas visitas a uma Corporação da Polícia Militar do Paraná, buscando conhecer o local, equipamentos utilizados, bem como sua estrutura organizacional, além da consulta às principais leis, decretos e códigos de normas regulamentadoras da referida Instituição.

b) Entrevistas: Em um segundo momento a coleta de dados foi realizada através de entrevistas não-estruturadas (não diretivas, informais) com integrantes da corporação, sendo que os sujeitos escolhidos foram convidados a responder à seguinte questão desencadeadora da entrevista: *“Fale para mim sobre o seu trabalho”*. Segundo Spink (1993) as técnicas verbais são a forma mais comum de acessar as representações sociais, sendo que o emprego de entrevistas abertas, conduzidas a partir de um roteiro mínimo possibilita dar voz ao entrevistado, evitando impor as concepções e categorias do pesquisador e permitindo obter um rico material. Os entrevistados foram escolhidos por meio de técnica não-probabilística de amostragem por julgamento. Foram entrevistados sete praças (soldados, cabos e sargentos) e dois oficiais (capitães), totalizando nove elementos lotados em diferentes departamentos e funções, sendo que foram selecionados elementos que possuíam entre dez e vinte e quatro anos de carreira, apresentando uma média de dezessete anos de trabalho na Corporação. Considerando-se o interesse da pesquisa em promover o conhecimento do indivíduo enquanto representativo de um grupo específico, com especial destaque para as características das representações sociais distribuídas entre os sujeitos, é que se justifica que os dados sejam coletados de uma amostra homogênea, ou seja, todos os entrevistados são lotados no mesmo quartel, participam das atividades ali desenvolvidas, além de serem submetidos à mesma hierarquia, embora em diferentes níveis. Neste tipo de pesquisa a representação resultante será então a representação prototípica constituída pelos elementos comuns do conhecimento que é produzido pelas pessoas na amostra. Neste sentido, cada policial bombeiro é idealmente um portador exemplar dessa representação social específica do significado do seu trabalho e estado de bem estar (WAGNER, 1995). As entrevistas foram julgadas suficientes após a constatação de que os relatos haviam se tornado repetitivos, significando terem atingido o ponto de saturação (GODOI; MATTOS, 2006).

A análise dos dados buscou o que havia de semelhante, ou não, nas falas dos entrevistados, procurando realizar uma categorização que traduzisse os pensamentos dos trabalhadores sem omitir suas opiniões. Após a categorização foi realizada a análise do discurso na perspectiva da interpretação social dos discursos, ou seja, buscando encontrar um modelo de representação e de compreensão do texto concreto em seu contexto social e na historicidade de suas proposições (GODOI, 2006). Na perspectiva das representações sociais as análises do discurso dão ênfase não mais na estrutura lingüística ou nos conteúdos

cognitivos, mas na organização social do discurso, deixando de existir qualquer separação entre linguagem e ação, seja pela mediação cognitiva ou pela mediação do contexto social, pois a linguagem é tomada como sendo constantemente ato (SPINK, 1993). Segundo Godoi (2006) a interpretação de um discurso como ato de fala (ou uma série de atos de fala) está embutida dentro de uma interpretação de todo o processo de interação entre os participantes da conversa. A função de produção do sentido pertence simultaneamente ao investigador, ao sujeito e ao contexto organizacional. É a visão construtiva do investigador que narra e reconstrói o discurso. Neste sentido, segundo Godoi (2006, p.395) “o relato final é uma reinterpretação do discurso do sujeito transpassada pelas categorias da investigação e pelas inevitáveis concessões à categoria do desejo do analista”.

5 RESULTADOS

As representações dos bombeiros sobre seu trabalho permitem compreender a relação entre o significado desse trabalho com seu estado de bem estar. Essas representações são construídas a partir das idéias, pensamentos, imagens e afetos que são elaborados e circulantes no conjunto de atividades e relações desenvolvidas no trabalho. As representações advindas das entrevistas realizadas constituíram três principais dimensões figurativas relacionadas ao objeto do presente estudo, ou seja, “significado do trabalho”, “sofrimento” e “bem estar”.

5.1 A Representação Social dos Bombeiros sobre o Significado do seu Trabalho

As análises do significado do trabalho do bombeiro indicaram a ocorrência das seguintes categorias de representações sociais: O que me levou a ser bombeiro: contexto histórico individual; Identidade: Bombeiro!; O Conhecimento coletivo sobre a imagem do bombeiro; e Herói, Salvador de Vidas!

Quanto às razões que levaram os bombeiros a assumirem a profissão, apenas um dos entrevistados associou indiretamente sua decisão em ser bombeiro ao sonho da infância e à dignidade da imagem do bombeiro perante a sociedade. No entanto, praticamente todos se referiram à possibilidade de que este fator seja preponderante para a escolha da profissão, levando-os inclusive a sentirem-se como exceção à regra. O que se percebe, é que ao contrário do que os próprios bombeiros imaginam, as razões mais concretas que aparecem no texto referem-se à questão da subsistência, da oportunidade e até mesmo da casualidade, corroborando o pensamento de Borsoi (2002, p.311) ao afirmar que “o que fazer como ofício aparece quase sempre como uma fatalidade”. O discurso do entrevistado C indica ainda a existência de um movimento, um processo de construção ou ainda de identificação da vocação, que se dá no decorrer do tempo: “*Dentro da profissão é que a gente vai descobrindo as coisas... Vai aprendendo as coisas...*” (Entrevistado C).

Uma segunda categoria em nível individual constituiu-se na análise da importância do trabalho do bombeiro para a formação de sua identidade. Todo indivíduo recebe, quando participante de um grupo específico, uma carga cultural do mesmo, pelo qual passa a ser reconhecido e responsabilizado pelos seus gestos, gerando ao mesmo tempo uma visão individual e coletiva sobre o indivíduo, na qual suas ações não somente refletem sobre si, como também junto aos demais integrantes do seu grupo. Para Morin, Tonelli e Pliopas (2003) há pessoas que encontram na empresa onde trabalham, fonte de orgulho, identificação e até identidade. Esta necessidade de o indivíduo incorporar o bombeiro fica explícita na fala de um dos entrevistados que evidencia a necessidade de assumir uma posição, “mostrar” para a sociedade, (re) vestir-se e representar seu papel como bombeiro: “*O profissional bombeiro ele tem que ser bombeiro... Para atender... Pra trabalhar... E ele tem que mostrar para a população, mostrar para todo mundo que ele é bombeiro... Ele não é uma pessoa ali fardada... Ele é o bombeiro... Ele incorpora o bombeiro e ele vive o bombeiro*” (Entrevistado

D). Neste sentido, Cardoso (2004, p.52) alerta que “a representação do bombeiro herói, como construção social influencia a realidade subjetiva do indivíduo, podendo alterar elementos que formavam a base da estrutura da personalidade, num processo de despersonalização”. O indivíduo assume a organização no lugar da identidade profissional. Em outras palavras, o indivíduo passa a ser reconhecido e se reconhece socialmente não mais pela sua identidade pessoal, mas pelo que faz como atividade profissional. Heloani (2005) afirma que isto se dá em função de a nossa identidade depender da alteridade, ou seja, do outro, pois é ele que dá noção de quem somos, sendo que há uma tendência para a identificação do sujeito com a atividade por ele realizada. De certa forma, a identidade profissional pode despersonalizar o sujeito na sua relação de trabalho, quando os valores da organização passam a ser os valores pessoais, num processo dialético de metamorfose, conforme Ciampa (1990) e Codo (1998), ou seja, um jogo de espelhamentos em que o indivíduo interioriza o que os outros lhes atribuem, transformando os atributos em algo de sua propriedade pessoal, podendo inclusive levar o sujeito a acreditar que ele é a organização, confundindo seus valores e os da organização. Esta identidade que o trabalho confere ao indivíduo, embora seja uma forma de retirá-lo do anonimato, oferecendo-lhe um certo reconhecimento social, pode tornar-se um peso a ser carregado, pois faz com que sua imagem pessoal seja refém das atitudes dos demais trabalhadores da classe. No caso dos bombeiros fica evidente a preocupação para que as ações dos trabalhadores sejam condizentes com a imagem que a população gostaria de manter a seu respeito: de pessoas idôneas, despojadas de si mesmos, competentes e corajosas. A identificação do sujeito está diretamente relacionada com a identidade da organização na qual está inserido. Sendo assim, segundo Matos (1994, p.87) “a identificação (do sujeito) se reforça ou se enfraquece a partir da projeção das imagens que a sociedade faz das características identitárias da organização, a exemplo dos estereótipos”. Algumas expressões retiradas dos discursos dos entrevistados demonstram o quanto os bombeiros tornam-se reféns da imagem da instituição junto à população, em função de ações isoladas desempenhadas de forma inadequada ou anti-ética por outros profissionais da mesma categoria: “*Pesa muito pra gente... É mau pra gente*” (Entrevistado E), ou ainda “*é duro pra gente*” (Entrevistado Y).

Já em nível organizacional, observou-se a ampla disseminação de informações sobre a boa imagem social do bombeiro nas relações cotidianas de trabalho, contribuindo para a objetivação de sua imagem e do significado de seu trabalho entre os pares. Destaca-se que há em nível coletivo a objetivação da boa imagem social da categoria, sendo que notou-se a ampla disseminação de um discurso único em relação ao reconhecimento social da imagem do bombeiro em praticamente todas as entrevistas. Mesmo às vezes, não sabendo citar corretamente as fontes das informações, os bombeiros fazem questão de dizer que a profissão é uma das mais bem vistas pela sociedade, sendo que muitas vezes, amparam-se neste conhecimento do senso comum para ancorar seu alto nível de dedicação ao trabalho, bem como o prazer que o exercício da profissão lhes proporciona e o conseqüente desejo em continuar na profissão. As frases destacadas a seguir refletem este conhecimento socializado e disseminado dentro da Corporação: “*Esta semana mesmo eu estava conversando com o meu comandante lá... Nós tínhamos uma aceitação pela sociedade de mais ou menos noventa e dois por cento..... Saiu numa pesquisa. [...] Nós temos um índice bom de aceitação pela sociedade..*” (Entrevistado E); “*É uma Instituição... [...] que qualquer pesquisa que você fizer... A que tem maior credibilidade... É o bombeiro... Isso aí não sou eu que estou dizendo... Isso aí é a sociedade não é?*” (Entrevistado C); “*Durante muitos anos a revista Veja vem mantendo numa das primeiras colocações a credibilidade que tem. Ganha de médico... De advogado...*” (Entrevistado H). O ato de comparar a credibilidade da profissão com outras de maior *status* social como médicos e advogados indica como o acompanhamento destes índices torna-se essencial para os integrantes da corporação, pois

representam a legitimação daquilo que vivenciam no cotidiano de suas práticas laborais, exercendo sobre os mesmos uma força motivadora que justifica todos os esforços e riscos enfrentados. Finalizando esta etapa de análises sobre a representação social do bombeiro sobre o significado do seu trabalho, apresenta-se em nível social, o que parece ser a principal forma de significação de seu trabalho: a representação de herói da sociedade, daquele que salva vidas. Segundo Martins (2003, p.29) “a fala sobre a própria heroicidade é cativa dos bombeiros e habita definitivamente seu imaginário, sendo exprimida com simplicidade, sem ostentação, e com a naturalidade das falas sobre experiências banais do cotidiano”. De certa forma pode-se dizer que a representação social do trabalho do bombeiro é a pura imagem da heroicidade nas situações de preservação da vida alheia. Martins (2003) afirma ainda que os bombeiros não se consideram deuses, mas em situações excepcionais se apropriam metaforicamente da força divina para o fim de firmar seu prestígio no dom de salvar e prolongar a vida alheia. Segundo Martins (2003) os bombeiros são sujeitos que produzem ações para preservar a vida, um feito que por ser sagrado para a nossa sociedade, torna seu executor uma personagem não apenas nobre, mas imortal, sendo que sob alguns aspectos, pode-se dizer que os heróis são intermediários entre o humano e o divino. Ainda de acordo com Martins (2003), os profissionais bombeiros são percebidos pelo imaginário social como heróis que encarnam a síntese da coragem individual. O bombeiro representa para o corpo social o ideal de potência total, culminando com o desenvolvimento da crença na figura do profissional “salvador supercompetente”. Neste sentido, Cardoso (2004, p.81) alerta para o fato de que os bombeiros vivem as atividades profissionais, “tentando se auto-convencer de que a habilidade profissional é capaz de superar as deficiências ou defeitos funcionais dos seus equipamentos. Transformam a si mesmos como os responsáveis pela vida de todos quantos venham a socorrer”.

A preocupação com o bem estar social faz parte dos ideais da profissão de bombeiro, pois para os mesmos, sua contribuição social está diretamente relacionada à capacidade de bem atender às ocorrências e salvar vidas. O bom êxito nestas tarefas proporciona uma satisfação, descrita pelos entrevistados como ‘gratificação’. Esta preocupação emergiu nas falas de alguns entrevistados, sendo que foi possível perceber a contínua busca de perfeição e a consciência de que, da execução perfeita da tarefa depende a manutenção da imagem perante a sociedade, conforme disse o entrevistado E: “*A gente espera que venha um questionamento bom... Mas nem sempre. Ah! Fui atendido e alguém deixou de fazer isso... Pra gente pesa muito, porque a gente não é acostumado com isso. Não que a gente queira ser perfeccionista, mas também quer ser, né?*”. Em outras palavras, se um dia a sociedade viesse a deixar de representar o bombeiro com um herói, não mais depositando sobre o mesmo sua confiança, isso se sucederia por culpa do próprio bombeiro que não teria executado seu trabalho com eficácia, conforme disse o entrevistado D: “*Sem dúvida nenhuma o reconhecimento da população... Nós não podemos nos queixar. E se um dia cair... A responsabilidade é exclusivamente nossa. Porque o bombeiro ele tem já esta... Está nesse patamar de ser bem visto. [...] Mas o bombeiro não pode cair de nível... Cair de qualidade. Não pode...*”. Considerando-se a representação social do bombeiro como uma das fontes geradoras de bem-estar no trabalho, pode-se compreender que o bombeiro empreende todos os seus esforços para não perder esta condição de heroicidade. Mills (*apud* Borsoi, 2002, p.315) afirma que é o homem quem significa o que faz a partir de como percebe o que faz. Se a tarefa, o ato de fazer, é valorizado em si mesmo pelo que tem de gratificante e até mesmo de lúdico, há significado intrínseco. Mas se o trabalhador percebe o trabalho apenas como fonte de subsistência, empresta sentido apenas àquilo que ele pode proporcionar em termos de consumo, então há somente significado extrínseco. Codo (1998) a partir de seu princípio de que o trabalho é uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza, geradora

de significado, ressalta que do ponto de vista do trabalhador, quando o circuito de significados se rompe, existem duas alternativas, ou o indivíduo encontra um modo de re-apropriação, ou a ruptura vai implicar em sofrimento, podendo implicar em problemas de saúde mental.

5.2 A Representação Social dos Bombeiros sobre o Sofrimento no Trabalho

Quanto às representações sociais do sofrimento no trabalho, muitas foram as categorias de análise identificadas, sendo que as mesmas foram reunidas nos seguintes agrupamentos: a natureza do trabalho, a organização do trabalho militar, as peculiaridades do sofrimento dos oficiais e dos soldados, as questões relativas ao atendimento das ocorrências e a falta de reconhecimento. Conforme anteriormente explicitado este artigo propõe-se a apontar estes principais agrupamentos de categorias encontradas sobre o sofrimento no trabalho, deixando a descrição e análise das mesmas para serem apresentadas em uma outra oportunidade. Ressalta-se que cada agrupamento foi desmembrado, sendo que ao todo foram identificadas 28 categorias de análise sobre as representações sociais dos bombeiros sobre o sofrimento no trabalho. Mas, para compreensão da importância da relação entre o significado do trabalho e o estado de bem-estar do trabalhador, torna-se fundamental destacar o grande número de categorias de sofrimento identificadas. Ressalta-se ainda que todas as situações de sofrimento encontradas foram expressadas nas atitudes e na própria constituição biológica, psicológica e social dos bombeiros. Sendo assim, foram percebidas como expressões deste sofrimento no trabalho: alcoolismo, droguismo, divórcios, transtornos mentais, uso de antidepressivos e problemas físicos de saúde, sendo que observou-se uma grande dificuldade para que o bombeiro expresse seus sintomas de doença, em função de que o reconhecimento da doença está diretamente relacionado a assumir uma situação de fracasso, reconhecendo-se uma pessoa incapacitada para o trabalho de salvar vidas. Observa-se portanto, que o trabalho do bombeiro pode ser considerado um trabalho que remete a sofrimentos originados por diversos fatores e que causam profundos impactos sobre este trabalhador.

De acordo com Sato (1993) a representação social do trabalho penoso relaciona-se aos contextos de trabalho geradores de incômodo, esforço e sofrimento físico e mental, sentido como demasiados, sobre os quais o trabalhador não tem controle. Observa-se que a definição de senso comum para “prazer” e “sofrimento” é formulada em termos da descrição das situações onde ocorrem essas vivências, o que segundo Tavares (2003) possibilita vislumbrar a relação que o sofrimento no trabalho mantém com as situações que impedem a pessoa de desenvolver seu trabalho da forma que julga mais adequada e a frustração de desenvolvimento de suas potencialidades e expectativas profissionais em longo prazo. Cabe adiantar que, assim como Sato (1993), observou-se que aquilo que é considerado bom para uns não o era para outros, inclusive pelos mesmos motivos, sendo que esta diversidade ocorre tanto em relação aos fatores identificados, quanto em relação ao peso que cada pessoa atribui a cada um deles. Observou-se que esta heterogeneidade de representações quanto ao sofrimento no trabalho ocorreu não apenas pelos diferentes níveis hierárquicos ocupados pelos entrevistados, mas principalmente pela subjetividade de cada um, pela forma como representam o trabalho, como objetivam e ancoram suas percepções e sentimentos.

5.3 A Representação Social dos Bombeiros sobre o Bem Estar no Trabalho

Na análise das entrevistas foram identificadas algumas categorias associadas à vivência de prazer no cotidiano da organização, sendo que os bombeiros representam o prazer mediante associações com a realização pessoal, o reconhecimento e a “paixão” pelo trabalho realizado, ou seja, à existência de um sentimento de adequação, de prazer associado ao “fazer o que gosta”. As principais categorias das representações identificadas foram: “Eu gosto de ser bombeiro!”, “reconhecimento social” e “reconhecimento familiar”. A análise das entrevistas em questão coloca em destaque os sentimentos de realização e prazer cultivados

pelos profissionais que, após abraçarem a profissão, vêem-na como vocação e ministério, o que pôde ser, por várias vezes, identificado na fala dos entrevistados. A representação do trabalho para os bombeiros está associada a palavras como “servir” e “ajudar” e os sentimentos sobre a profissão são objetivados em expressões como: “*Eu gosto muito de ser bombeiro*” (Entrevistado A), “*Adoro ser bombeiro, [...] Eu adoro o meu serviço!*” (Entrevistado G) “*Eu sou apaixonado pelo que eu faço*” (Entrevistado D), “*Uma profissão linda maravilhosa!*” (Entrevistado F) e [...] “*Mas a profissão em si é indescritível*” (Entrevistado B). Nota-se ainda que alguns dos entrevistados, ao falar sobre o sentimento de bem estar oportunizado pelo trabalho como bombeiro, procederam a uma espécie de avaliação dos prós e contras vivenciados desde que abraçaram a profissão, concluindo que se pudessem voltar no tempo, fariam novamente a escolha pela profissão, mesmo considerando os problemas, desafios e medos enfrentados no contexto do trabalho.

Segundo Codo, Soratto e Menezes (2004, p.297), o trabalho é ou deve ser sempre prazeroso, pois é uma forma como o homem constrói a si próprio: “se o trabalho não é portador do prazer, então há alguma coisa de errado com ele. O sofrimento no trabalho deve ser combatido, porque é produto de algum tipo de alienação”. A análise do discurso dos entrevistados torna claro que, apesar da consciência sobre as limitações e sofrimentos impostos pelo seu trabalho, os bombeiros experimentam os sentimentos de realização e o desejo de dedicação à sociedade. Observa-se explicitamente na fala do entrevistado B a questão do prazer no trabalho: “*Qualquer ocorrência que você for até a última ocorrência até você se aposentar você vai sentir prazer... A adrenalina da emergência... Não saber o que te espera... Não é?*” Morin, Tonelli e Pliopas (2003) afirmam que um trabalho que tem sentido dá prazer a quem o exerce, ou seja, a pessoa aprecia o que faz. Oliveira et al. (2004) confirma este pensamento ao afirmar que se a pessoa realiza um trabalho que não é prazeroso, que ela não goste, não é possível encontrar sentido. Importante ainda ressaltar que a comparação realizada com outras profissões externaliza um sentimento que coloca a profissão de bombeiros acima de todas as outras, quanto à satisfação profissional: “*E o que eu percebo é que nenhuma outra profissão... Posso estar errado, não é? Traz esta satisfação pessoal*” (Entrevistado B). Esta representação do nível de comprometimento e orgulho do profissional é objetivada nas tatuagens realizadas pelos bombeiros. O orgulho da profissão é tão intenso que os leva a tatuar o próprio corpo com símbolos próprios da Corporação dos Bombeiros, sendo esta prática tida como comum no âmbito da Instituição: “*Mas nunca vi um advogado da OAB tatuar o número da OAB dele no braço... Caso falem pra mim tatua o nome da corporação... o Corpo do Bombeiro... O curso guarda-vida... O golfinho... O curso do SIATE... Um brezinho... Você não vê um advogado tatuando o próprio corpo para a profissão dele. Eu nunca vi.*” (Entrevistado B).

Observa-se ainda que as representações sobre o prazer do trabalho são dadas como coletivas nos discursos dos entrevistados que, reiteradamente, afirmam ser este o sentimento de todo o grupo e não apenas suas opiniões particulares: “*é o reflexo mesmo de percentual de aceitação de gratificação pessoal que todos tem... Isso é notório assim de todos. Ao mais antigo soldado ou praça, ao comandante ou oficial mais antigo, com certeza fariam tudo de volta. [...] Então isso é muito gratificante.*” (Entrevistado B) . “*Eu acho que a maioria, ninguém pensa em fazer outra coisa*” (Entrevistado A).

Em nível social, a principal categoria identificada como geradora de prazer para este profissional refere-se às recompensas associadas ao exercício da profissão, a saber: o reconhecimento social, especialmente no que tange ao aspecto familiar. Em vários pontos da entrevista notou-se a identificação e valorização do reconhecimento social do bombeiro como herói da sociedade. Como citado anteriormente, em tempos como os atuais, em que a sociedade se nega a depositar credibilidade em dirigentes, políticos, chefes de instituições

civis ou militares, contar com a aceitação e respeito social pode ser um grande diferencial e um fator motivacional para o desenvolvimento de um profissional. Nota-se nas palavras dos entrevistados a grande ênfase dada à importância do reconhecimento social como um fator que permite suportar os sofrimentos da profissão como por exemplo o entrevistado G ao dizer que: *“Lá fora a gente é reconhecido... Pelo menos! Se não fosse eu acho que... Ia ser duro agüentar isso aqui...”* ou ainda que: *“Você não vê ninguém fazendo isso na polícia. [...] Puxa! É o diferencial da profissão! É muito grande...”*. O entrevistado C confirma a necessidade do reconhecimento para permanecer na profissão afirmando que *“O reconhecimento da sociedade faz a gente se manter no bombeiro. Eu garanto pra você que faz. Porque se nós não tivéssemos esse respaldo... É... Seria muito difícil.”* e arrisca-se em dizer que o reconhecimento aliado ao ato de “fazer o que gosta” é fator mais importante que a remuneração financeira no desempenho desta profissão: *“Mesmo se hoje nós passássemos a ganhar duzentos reais por mensal... Vamos por uma hipótese... Eu falo pra você que... Ninguém iria sair daqui ainda. Porque? Porque está aqui porque gosta... Porque é muito bom você ser reconhecido...”*. Neste sentido, o entrevistado D complementa: *“O reconhecimento faz muita diferença... muita diferença... O reconhecimento é um troço que... Nada vai pagar... Não tem o que pague o reconhecimento.”*

Segundo Morin (2001) a organização do trabalho deve oferecer aos trabalhadores a possibilidade de realizar algo que tenha sentido, de praticar e de desenvolver suas competências, de exercer seus julgamentos e seu livre-arbítrio, de conhecer a evolução de seus desempenhos e de se ajustar. Morin (2001) afirma ainda que o prazer e o sentimento de realização que podem ser obtidos na execução de tarefas dão sentido ao trabalho. Pesquisas junto a administradores no Canadá e na França indicaram que as pessoas preocupam-se com as contribuições do trabalho para a sociedade, sendo o mesmo “um dos meios para transcender seus interesses particulares, dedicando-se a uma causa importante e significativa” (MORIN, 2001, p.17). Oliveira *et al.* (2004) em pesquisa realizada junto a estudantes de pós-graduação em uma universidade do sul do país, constatou que o trabalho com sentido relaciona-se à realização de algo útil para a organização e para a sociedade e que permita o desenvolvimento, valorização, reconhecimento e consequentemente a auto-realização. Morin, Tonelli e Pliopas (2003) também afirmam que o trabalho deve fazer sentido para a própria pessoa em dimensão individual, para a organização em que está inserida e para a sociedade de forma mais geral, embora as pesquisas realizadas por estas autoras no Brasil tenham encontrado um maior número de temas recorrentes na dimensão individual do que nas dimensões da organização e da sociedade.

Neste sentido pessoal, ainda quanto ao reconhecimento, cabe ressaltar que foi possível perceber a grande importância dada pelos entrevistados à imagem construída junto à família. O reconhecimento no âmbito familiar constitui-se para os entrevistados em uma grande possibilidade de geração de prazer no trabalho, conforme disse o entrevistado B: *“Sinto alegria porque meu filho gosta que eu seja bombeiro... Eu sei que ele fala de boca cheia. Sabe? Quando ele cita que o pai dele é bombeiro ele fala de verdade... De coração... Sabe?”* Observa-se na fala do entrevistado “E” que além de ser uma fator de motivação, o reconhecimento muitas vezes justifica a decisão em permanecer na profissão: *“Começa assim pela família e vai passando pela sociedade... Enquanto você é reconhecido pelo trabalho você sente importante. Muitos aqui já tiveram oportunidades... Tem condições de sair de levar uma vida fora... Em questão financeira muito melhor que aqui... Mas não saem... E fica...”*. Dejours (1988) alerta para o fato de que muitas vezes, grandes dificuldades concretas no trabalho sejam facilmente aceitas, quando o trabalho gera significado para aquele que o executa e exemplifica que embora questões materiais como o salário façam os trabalhadores

sofrerem, o prazer pelo trabalho permite-lhes a continuidade no desempenho de suas atividades.

5.4 Significado do Trabalho e Bem Estar: uma Estreita Relação

Este estudo visou compreender como as representações sociais dos bombeiros sobre o significado do seu trabalho orientam o enfrentamento do sofrimento e vivência de bem estar em seu trabalho. A análise do discurso dos entrevistados proporcionou conhecer as representações sociais dos mesmos quanto ao significado de seu trabalho, do sofrimento e do bem estar no trabalho. Considerou-se que estas representações são resultantes do contexto histórico individual, das vivências no cotidiano de seu trabalho, das trocas de conhecimentos no ambiente de trabalho, da subjetividade de cada trabalhador impressas na linguagem individual e coletiva. A apresentação e discussão das representações sociais dos bombeiros sobre seu trabalho evidenciaram a estreita relação existente entre o significado do trabalho e o bem-estar. As categorias analisadas revelaram o quanto o bombeiro percebe seu trabalho como significativo.

Na prática cotidiana, o bombeiro “sabe” que sua atuação profissional transforma a realidade na qual está inserido e percebe, explícita ou implicitamente, que também é por ela transformado, sendo que esta relação de dupla transformação é realmente geradora de significado para este profissional. As representações sociais dos bombeiros sobre o sofrimento no trabalho revelam um conhecimento socialmente construído sobre os fatores de desgaste na profissão. De certa forma, os problemas relacionados à natureza e à organização do trabalho, bem como aqueles relacionados às estruturas de poder estabelecidas representam uma ameaça à saúde dos bombeiros, em função de impedi-los de bem realizar sua missão e conseqüentemente desencadeiam uma ruptura no processo de significação do trabalho, gerando sofrimento. Por outro lado, as representações sociais dos bombeiros sobre o bem estar no trabalho confirmam que um trabalho com significado como o dos bombeiros é capaz de sustentar o bem estar, apesar das condições desestabilizantes a que estão submetidos. No caso dos bombeiros, o prazer no trabalho é sempre associado ao reconhecimento nas esferas social e familiar. Segundo Heloani (2005, p. 7) o trabalho pode em dois pólos opostos, tanto ser benéfico, quanto destruidor em relação à saúde de quem trabalha, sendo que a existência do reconhecimento ou sua negação são um fator fundamental que incide sobre a saúde do trabalhador. Sendo assim, o reconhecimento reforça a identificação com o trabalho realizado e na via oposta, o não-reconhecimento leva a uma verdadeira crise identitária que pode desencadear o sofrimento e o adoecimento no trabalho. Para Heloani (2005) o reconhecimento pode ter tanto ou mais influência na saúde mental que outras questões bem mais palpáveis e que são freqüentemente objeto dos estudos na área. Enfim, todas estas representações dos bombeiros sobre o significado, o sofrimento e o bem estar no trabalho, construídas por meio das idéias veiculadas na sua realidade individual e coletiva de trabalho, confirmam os pensamentos de Codo (1998) que ressaltam que todas as atividades exercidas pelo ser humano são mediadas por um significado, que seria o trabalho, sendo que ao imprimir significado social às suas atividades, o homem estaria construindo sua identidade. Através da significação, ou seja, colocando sua marca pessoal no resultado de suas atividades, o homem combate o sofrimento e recaptura a sua essência, sua expressão e sua criatividade, em outros termos: o prazer, o bem estar no trabalho.

CONCLUSÃO

A estreita relação entre significado do trabalho e bem estar foi representada de forma intensa nos discursos dos entrevistados. Embora a representação do sofrimento no trabalho tenha emergido das falas dos entrevistados, multifacetando-se em inúmeras categorias e apesar deste sofrimento ter sido representado como intenso, estafante e

desencadeador de várias doenças, é simplesmente intrigante a forma como os bombeiros insistem em representar seu trabalho como 'maravilhoso', 'apaixonante' e 'gratificante', fortalecendo a idéia de que, conforme mencionado anteriormente, o significado atribuído ao trabalho em nível individual, organizacional e social seja o grande diferencial da profissão, ou seja, o fator que os leva a perseverar na carreira de bombeiro. De certa forma o peso carregado em função da imagem de herói a ser mantida, também é a força que impulsiona para a continuidade na profissão. Sendo assim, a partir das representações sociais dos bombeiros sobre o seu trabalho e seu bem estar no trabalho, reafirma-se o pensamento de Codo (1998), baseado em Marx (1987) e Leontiev (1964), de que o trabalho é uma dupla relação de transformação entre o homem e a natureza, geradora de significado, ou seja, de que um trabalho com significado é gerador de bem estar, podendo esta ser uma explicação para o fato de que muitas outras profissões, que apresentam situações de sofrimento tão ou mais intensas que o trabalho do bombeiro, podem ser abraçadas com entusiasmo por seus trabalhadores, em função do significado que possuem para os próprios trabalhadores e para a sociedade.

É bom esclarecer que não se trata aqui de presumir que o indivíduo, seja resignado a viver no sofrimento, em função do bem estar obtido pelo significado de seu trabalho, isentando as organizações da necessidade de realizar intervenções na forma como o mesmo é organizado, mas sim, trata-se de perceber, que apesar das inúmeras situações de sofrimento que um trabalho possa representar, ainda poderá ser fonte de bem-estar, desde que faça sentido para aquele que o executa. Há que se reforçar que o encontro de mecanismos de reapropriação adequados não exime a responsabilidade de alterar as condições de trabalho, no sentido de eliminar as rupturas constatadas nas representações sociais dos bombeiros acerca de seu trabalho, ao contrário, trata-se, antes, de buscar formas de transformar o trabalho em mediador para a saúde. Este estudo foi construído a partir das representações sociais de uma categoria profissional, cujo trabalho é altamente significativo. Sendo assim, deseja-se desencadear uma reflexão sobre a importância de que as organizações se ocupem mais do conteúdo significativo do trabalho, de forma a criar possibilidades mais concretas de bem estar para aqueles que lhes estão submetidos.

REFERÊNCIAS

- AZNAR, G. **Trabalhar menos para trabalharem todos**. São Paulo : Página Aberta, 1995.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.
- _____.; YAMAMOTO, O. O mundo do trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil** Porto Alegre: Artmed, 2004
- BORSOI, I. C. F. Os sentidos do trabalho na construção civil: o esforço alegre, sem a alegria do esforço. In: JACQUES, M. G; CODO, W. (Org.) **Saúde mental e trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2002, p.309-324.
- CARDOSO, L. A. **Influências dos Fatores Organizacionais no Estresse de Profissionais Bombeiros**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2004.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CODO, W.. A magia do trabalho. In: CODO, W.; SAMPAIO, J.; HITOMI, A. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**: uma abordagem interdisciplinar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p.97-114.

- _____. Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In: CODO, W. ; ANDRADE, J; TAMAYO, A. (Org.). **Trabalho, organização e cultura**. Brasília: Cooperativa de Autores Associados, 1998, p.21-47.
- _____.; SORATTO, L.; VASQUEZ-MENEZES, I.; Saúde Mental e Trabalho In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil** Porto Alegre: Artmed, 2004, p.276-299.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1988.
- GODOI, C. Perspectivas da análise do discurso nos estudos organizacionais. In: GODOI, C; MELLO, R; SILVA, A. (Org). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais – paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006, p.375-401.
- _____.; MATTOS, P. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C.; MELLO, R.; SILVA, A. (Org). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais – paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006, p.301-323.
- GORZ, André. **Metamorfoses do trabalho: crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2003.
- GUARESCHI, N. M.F. Pesquisa em psicologia social: de onde viemos e para onde vamos. In: GUARESCHI, N.; BRUSCHI, M.E. (Org.) **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 119 – 130.
- GUARESCHI, P A.; GRISCI, C. L. I. **A fala do trabalhador**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. 38.ed., Porto Alegre: Mundo Jovem, 1996.
- _____. (Org.) **Os construtores da informação**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____.; JOVCHELOVITCH, S. Introdução. In: GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis, Vozes, 1995, p.17-25.
- _____.; VERONESE, M. V. (Org.). **Psicologia social e cotidiano: representações sociais em ação**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HELOANI, J. R.; Corpo e Trabalho: instrumento ou destino? **Psicologia Hospitalar**. São Paulo, v.3, n.2, p.1-18, ago.2005.
- IBÁÑEZ, T. Construcionismo Y Psicología. **Revista Interamericana de Psicología**. v.28, n.1, p. 105-123, 1993.
- JACQUES, M. G. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. **Psicologia & Sociedade**. Rio Grande do Sul, v.15, n.1, p. 97-116, Jan/Jun 2003.
- LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____.; CODO, W. (Org). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LEONTIEV, A. Aparecimento da consciência humana. In: LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do Psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1964.
- MARTINS, C. **Identidade ameaçada: uma interpretação etnográfica dos bombeiros do Distrito Federal**. Monografia em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia. Universidade de Brasília, 2003.
- MARX, K. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro. Trad. Reginaldo Sant’Anna. v. 1, 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil – DIFEL, 1987.

- MATOS, A. G. **A gestão pública e o comportamento do servidor**. Relatório Final de Pesquisa CNPq. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1994.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- _____. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p.89-111.
- MORIN, E. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas – RAE**, São Paulo, v. 41, n.3, p. 8-19, jul/set 2001.
- _____; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. In: 27º Encontro Anual dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia: 27º EnAnpad, 2003. CdRom.
- MOW INTERNATIONAL RESEARCH TEAM. **The meaning of working**. New York : Academic Press, 1987.
- OLIVEIRA, S.; PICCININI, V.; FONTOURA, D.; SCHWEIG, C. Buscando o sentido do Trabalho. In: 28º Encontro Anual dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: 28º EnAnpad, 2004. CdRom.
- PINTO, R. J. M. **Trabalho e identidade: o eu faço construindo o eu sou**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social - Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Universidade de Brasília, UNB, Brasília – DF, 2000.
- RIFKIN, J. **O Fim dos Empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho**. São Paulo: Pearson Education, 2001.
- SAMPAIO, J.J.; MESSIAS, E.L. A epidemiologia em saúde mental e trabalho. In: JACQUES, M.G.; CODO, W. (Org.) **Saúde mental & trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 143-172.
- SATO L. A representação social do trabalho penoso. In: SPINK, M. J. P. (Org.) **O Conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 188-211.
- SATO, L.; BERNARDO, M. H. Saúde mental e trabalho: os problemas que persistem. **Ciênc. saúde coletiva.**, Rio de Janeiro, v.10, n.4, 2005.
- SOUZA-FILHO, E. A. Análise das representações sociais. In: SPINK, M. J. P. (Org.) **O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 109-148..
- SPINK, M. J. O conceito de Representação Social na abordagem psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p. 300-308, jul/set. 1993.
- TAVARES, D. **O Sofrimento no trabalho entre servidores públicos: uma análise psicossocial do contexto do trabalho em um tribunal judiciário federal**. Dissertação de Mestrado Departamento de Saúde Ambiental. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2003.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- VERONESE, M. V. . **Na direção de uma psicologia social crítica do trabalho**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais-Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2003. Paper.
- WAGNER, W. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis, Vozes: 1995, p.149-185.